

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

KAREN JAÍNE DE FREITAS HUFFERMANN

O belo e o grotesco na obra “*Das Parfum: Die Geschichte eines Mörders*,” de Patrick Süskind

PORTO ALEGRE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

KAREN JAÍNE DE FREITAS HUFFERMANN

O belo e o grotesco na obra “*Das Parfum: Die Geschichte eines Mörders*,” de Patrick Süskind

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de habilitação: Português, Alemão e Respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann

PORTO ALEGRE

2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais agradeço pelo constante exemplo de trabalho duro e esforço, mesmo jovens conseguiram passar valores preciosos, que levo e vou levar para sempre comigo. Obrigada por ser o exemplo de trabalhadores que imagino para o mundo, nem um dia se quer os vi reclamar. Ao meu pai, em especial, agradeço ao exemplo de escrita e leitura que foi me dado. Desde cedo acompanhei a tua escrita em seus diários e tentava ler-los enquanto criança. E também a preciosa lição de ler um contrato antes de assiná-los. Graças a Deus aquele contrato, que assinei sem ler, me obrigando a limpar a casa para sempre se perdeu, ufa. A minha mamãe agradeço tanto e por tanto, mas principalmente para o exemplo de estudo. Obrigada por ter ficado ao meu lado, quando nem eu acreditava que passaria no vestibular da UFRGS, hoje tenho a oportunidade de aqui lhe escrever uma homenagem graças a sua determinação em não me deixar desistir. Tu és a melhor mãe do mundo, mãe. Não seria nada sem ti.

Ao meu esposo Danimar, agradeço a companhia a essa jornada que foram os estudos para o vestibular da UFRGS e por fim a graduação. Estamos juntos há quase 12 anos e você fez parte de cada etapa zelando por um ambiente calmo e tranquilo para meus estudos. Obrigada por ter incentivado meus estudos e a carreira de professora de língua alemão. Hoje gozo de uma grande confiança em sala de aula e essa confiança vem de ti, que a cada final de aula tecia grandes elogios a minha didática, isso salvou minha carreira na pandemia, não me deixando esmorecer diante dos desafios do ensino a distância.

Aos professores e professoras que ao longo dos anos tive o prazer de conhecer e aprender, em especial a Professora Rosana Dal Corso, que foi minha professora de Língua Portuguesa na EEEF Professora Branca Diva Pereira de Souza. Com seus esforços em sala de aula, comecei a formar a leitora que sou hoje. As idas a biblioteca para escolher livros e dissertar sobre eles era uma grande aventura, até hoje tenho lindas e vividas recordações desse momento. Também agradeço a minha querida professora Nara Odi, que tirou todo preconceito de uma rebelde adolescente com a literatura brasileira, que de fato não conhecia. Obrigada por ministrar a melhor aula de literatura

da minha vida, e aqui peço desculpas aos meus queridos professores da graduação, mas essa maravilhosa mulher fez eu me apaixonar pela literatura brasileira.

Ao meu orientador e também primeiro professor de língua alemã, Gerson Neumann. O senhor sempre será meu exemplo de professor, mas principalmente exemplo como professor de língua alemã. Até hoje uso de métodos que o senhor usava em sala de aula, para ensinar meus alunos. Obrigado por se fazer presente na vida dos teus alunos, mesmo fora de sala de aula, nos incentivando a estudar a língua com afinco e dedicação. Obrigado por toda paciência durante a graduação no ensino do alemão e também da literatura alemã. Na disciplina ministrada pelo senhor, tive a oportunidade de conhecer a obra que hoje estudo.

E, por último, mas não menos importante, às minhas queridas amigas Alessandra, Carla, Hellen e Thaysa. Cada uma de vocês fez parte de um momento de minha vida como estudante e todas tem um dedinho nesse diploma. Obrigada por todos os momentos bons da minha infância, adolescência ou fase adulta. Cada uma de vocês estiveram em uma dessas etapas e fizeram delas uma etapa mais feliz.

*“Tudo o que é belo morre no homem, mas
não na arte.”*

Leonardo da Vinci

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo propor uma análise da noção de belo e grotesco na obra “Das Parfum: Die Geschichte eines Mörders” do autor alemão Patrick Süskind. A partir da definição de dicionários selecionados e reflexões filosóficas de alguns autores que analisam os conceitos de belo e grotesco, esse estudo se propõe em descrever como tais definições são importantes para entender a obra como um todo, da visão da personagem principal, personagens que se encontram em segundo plano e também do locutor da história. Para tanto, a análise se concentra na relação entre o belo, o grotesco e o corpo; e o belo, o grotesco e o perfume. Autores como Vitor Hugo; Muniz Sodré, Raquel Paiva e Maurício de Assis Reis são fundamentais para análise.

Palavras-chave: Patrick Süskind; belo; grotesco; corpo; perfume.

ZUSAMMENFASSUNG

In diesem Beitrag soll eine Analyse des Begriffs der Schönheit und des Grotesken in dem Werk "Das Parfum: Die Geschichte eines Mörders" des deutschen Autors Patrick Süskind vorgeschlagen werden. Auf der Grundlage der Definitionen ausgewählter Wörterbücher und philosophischer Überlegungen einiger Autoren, die die Begriffe des Schönen und des Grotesken analysieren, soll in dieser Studie beschrieben werden, wie wichtig solche Definitionen für das Verständnis des Werks als Ganzes sind, und zwar aus der Sicht der Hauptfigur, der Figuren, die im Hintergrund stehen, und auch des Sprechers der Erzählung. Zu diesem Zweck konzentriert sich die Analyse auf die Beziehung zwischen dem Schönen, dem Grotesken und dem Körper sowie dem Schönen, dem Grotesken und dem Parfum. Autoren wie Vitor Hugo, Muniz Sodré, Raquel Paiva und Maurício de Assis Reis sind für die Analyse von grundlegender Bedeutung.

Schlüsselwörter: Patrick Süskind; das Schöne; das Groteske; Körper; Parfum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
<u>1</u> A OBRA DAS PARFUM, DO AUTOR PATRICK SÜSKIND.....	12
<u>2</u> O BELO E O GROTESCO.....	14
<u>3</u> O BELO E O GROTESCO NA OBRA <i>O PERFUME</i> , DE PATRIK SÜSKIND	18
3.1 O BELO E O GROTESCO E O CORPO	19
3.2 O BELO E O GROTESCO E O PERFUME.....	24
<u>4</u> CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	30

INTRODUÇÃO

O desejo de seguir com um estudo aprofundado da obra “*Das Parfum: die Geschichte eines Mörders*” (1985) do autor alemão Patrick Süskind surgiu através de duas disciplinas *Teoria da Literatura II* onde tive contato através de discussões, reflexões e teorias de autores como, por exemplo, Kant, que discursava sobre a noção do *belo*. Assim foi possível ligar suas teorias á obras literárias apresentadas pela professora responsável Profa. Dra. Claudia Caimi, que através de suas reflexões e dos teóricos apresentados, me permitiu abrir os olhos para outra obra apresentada em outra cadeira e sua possível aplicação da definição de *belo*, possibilitando uma conexão com o personagem e seus atos. A cadeira, que foi responsável pela escolha deste livro, foi matéria *História da Literatura Alemã III*, matéria esta que me apresentou a obra que será alvo de estudo deste trabalho de conclusão e foi ministrada pelo Prof. Dr. Gerson Neumann, orientador do meu trabalho de conclusão. Com o estudo da Literatura Alemã Contemporânea e a leitura e discussão de obras literárias em língua alemã, o seminário de algumas obras e autores foi realizado pela turma. Eu escolhi a obra que trabalho nesta monografia e de imediato consegui trazer as reflexões da cadeira *Teoria da Literatura II* e amadurecer as ideias que aqui serão abordadas.

Os conceitos de belo de Kant e Hegel jogam luz ao personagem principal dessa rica obra, Jean, que em nada se encaixava no conceito de belo do filósofo prussiano, que observa também que os cabelos e a cor dos olhos ajudam para classificar as situações que provocam uma e outra emoção, mas não se limita ao descritivo, quando recomenda o que cai bem a cada tipo de pessoa (O (mau) gosto e o grotesco), tais conceitos não se encaixam ao personagem e nem ao ambiente no qual está inserido, ainda mais se o leitor pensar nas características da personagem apresentadas ao longo da obra, onde o narrador sempre fez questão de descrever suas feições nada belas e atos repugnantes, que datam do seu nascimento, levando o leitor, assim, ao seu oposto: o grotesco. Dessa forma o narrador descreve a aparência da personagem

[...] No entanto contrariando toda expectativa, Grenouille superou a doença. Ficaram lhe apenas as cicatrizes dos grandes carbúnculos negros atrás das orelhas, no pescoço e nas faces, que o deformavam e o tornavam ainda mais feio do que de qualquer modo ele já era. (SÜSKIND, 1986, p.36)

E não só pensando no grotesco físico, mas também o grotesco de seus atos. Para o narrador dessa história, Jean sempre foi nada além de grotesco, figura indigna e não pertencente a Deus.

Com ajuda de trechos da própria obra e outras obras teóricas como “*Do grotesco e do sublime*”, de Victor Hugo e “*O (mau) gosto e o grotesco*”, de Bento Itamar Borges, entre outros, analisarei o conceito de grotesco e belo que encontro no magnífico trabalho de Patrick Süskind. Ao contrário do narrador da obra, não é meu objetivo condenar ou glorificar os atos do personagem, mas dar luz a minha teoria, através da fundamentação de outros teóricos, que o personagem perpassa por ambos: belo e grotesco. O grotesco o acompanha desde o seu nascimento, ao seu primeiro terrível ato de assassinato e através desse terrível e grotesco ato, também surgem seus planos, os quais sempre estarão à luz do belo e da escuridão do terror. A devoção da personagem em alcançar o seu objetivo, o objetivo da mais bela e pura arte, o perfume perfeito. Na sua obra há beleza e escuridão. Mas não só o belo e o grotesco estão em seus atos, nas paisagens e aparência dos personagens e a análise desses elementos é de suma importância para entender como a obra se divide e se une no propósito de contar a história deste personagem. A descrição de suas vítimas, das paisagens e do processo da produção do perfume é essencial para entender o que me leva a escolher analisar esta obra e a importância de trabalhar as definições de *belo* e *grotesco*.

Para melhor estudo e compreensão deste trabalho, ele se dividirá em três capítulos: No primeiro capítulo, intitulado “o autor e a obra”, serão apresentadas informações sobre sua pessoa e vida literária, junto com uma introdução à obra. O segundo capítulo tratará das definições de belo e grotesco em alguns dicionários, como também a uma breve introdução sobre seus conceitos segundo Kant e Hegel. Essas definições em conjunto com o trabalho, ajudarão na compreensão de como elas se fazem presentes na obra e são de suma importância para poder entender a obra em todo o seu contexto e sua potencialidade. Tal estudo se concentrará no capítulo três será denominado “o belo e o grotesco na obra”, que se dividirá em dois subcapítulos: “o belo e o grotesco no corpo” e “o belo e o grotesco no perfume”.

Tal divisão me ajudará a relacionar os conceitos de belo e grotesco estudados e teorizados por alguns autores selecionados. O que é inerente ao belo e ao grotesco sempre se fez presente nas artes, seja em esculturas ou em obras de arte, seja na produção literária ou no cinema. E por isso tenho total consciência de que há um longo e vasto estudo sobre tais conceitos, que foram estudados e teorizados por vários autores ao longo dos anos. Meu trabalho faz um breve estudo sobre os conceitos de belo e grotesco relacionados a obra “Das Parfum”. Não é objetivo desse trabalho de conclusão fazer um longo estudo sobre os conceitos, mas sim relacioná-los com a obra escolhida para análise.

1 A OBRA DAS PARFÜM, DO AUTOR PATRICK SÜSKIND

Patrick Süskind é um escritor e roteirista alemão nascido em Ambach, cidade localizada do estado da Baviera. Nascido em de março de 1949, estudou História Moderna e Medieval em Munique e cursou dois semestres do curso na cidade francesa Aix-en-Provence. Escreveu contos e roteiros para a televisão alemã e sua primeira obra publicada foi um monólogo intitulado “*Der Kontrabaß*”, que foi encenado entre 1984/85 na Itália, na França e na Inglaterra. Sua maior obra já publicada foi seu primeiro romance “*Das Parfum*” (1985), que foi publicado sob forma a forma folhetim pelo jornal alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e, na Itália, pelo *Corriere Della Sera*. O livro é um best-seller mundial traduzido em 49 línguas como o francês, espanhol, português de Portugal e claro português do Brasil. e com mais de 20 milhões de cópias vendidas. No Brasil a obra, contendo 263 páginas, foi publicada em 1986 pela editora Record com tradução de Flávio R. Kothe. Apesar de tamanho sucesso, o autor é uma figura reclusa com poucas entrevistas concedidas. Seu comportamento é amplamente conhecido em seu país, fazendo com que acabe por ser motivo de sátiras.

Por ser tão recluso e não haver registros do próprio autor discorrendo sobre sua obra, se torna difícil encontrar uma auto-análise do autor sobre sua própria produção. Ainda assim, a obra foi adaptada para os cinemas pelo diretor Tom Tykwer, resultando em um filme bastante premiado, como por exemplo, com o prêmio “Prêmio de Cinema Alemão de melhor filme”. A obra também foi inspiração para o vocalista Kurt Cobain da banda de rock Nirvana, que compôs a música “*Scentless Apprentice*” que é a faixa 02 do álbum *in Utero* de 1993. A banda alemã Rammstein também tem uma música inspirada na obra, que se chamada “*Du riechst so gut*”. Um dos compositores da música é o próprio vocalista da banda, Till Lindemann. A plataforma de streaming *Netflix* adaptou a obra em uma série, que leva o mesmo nome. A série tornou-se alvo de tantas inspirações e adaptações na cultura pop possivelmente devido ao fato de o

personagem principal da trama ser um serial killer. O tema é alvo de várias adaptações nas produções mundiais, mas principalmente as produções americanas.

Na trama do autor alemão, a história é dividida em quatro partes. O personagem principal, Jean-Baptiste Grenouille nasce na fedorenta Paris de 1738 é descrito de imediato como um monstro pelo narrador da história, que o iguala a geniais monstros como Sade, Saint-Just, Fouché, Bonaparte e etc. Grenouille vem ao mundo no meio da podridão, onde as ruas fediam a merda, os pátios fediam mijó, as escadarias fediam a madeira podre e bosta de rato; as cozinhas, a couve estragada e gordura de ovelha; sem ventilação, salas fediam a poeira, mofo; os quartos, a lençóis sebosos, a úmidos colchões de pena, impregnados do odor azedo dos pinicos (SÜSKIND, 1985,p. 7) e talvez por isso tenha adquirido um olfato extremamente apurado.

Na primeira parte do livro a história trata de apresentar parte da infância e adolescência de Jean, onde ele experimenta a rejeição de todos, que se inicia desde o primeiro suspiro de sua vida, por sua mãe que o joga no meio dos peixes pobres, pelas amas-de-leite que se recusam a amamentá-lo ou pelas instituições religiosas. Toda essa rejeição se dá pela falta de uma característica, que pertence ao ser humano e todas as coisas do mundo: o cheiro. E também é aqui que a personagem inicia seus estudos de artesanato para a confecção do mais sublime perfume. Já na segunda parte, ele sucumbi ao seu lado animalesco, sempre invocado pelo narrador da história e as outras personagens que o descrevem, ele mesmo já se sentia um animal, ao se acostumar com a vida na gruta que acolheu como lar. Por fim retoma seus objetivos e na parte três, aprende por fim a mais fina arte de odores de um corpo ou objeto, que um perfumista poderia dominar e consegue criar um aroma sublime, que cria amor em quem o sente. Na quarta parte e última parte do livro, Jean-Baptiste Grenouille encontra seu destino na sua cidade natal, a fedorenta Paris.

2. O BELO E O GROTESCO

Os conceitos de Belo e Grotesco estão enraizados na história da humanidade e a acompanham desde os seus primórdios. Tudo o que é belo e grotesco é inerente ao ser humano e suas produções, como por exemplo, a arte, a literatura, as construções etc.; e também a natureza que nos cerca. As suas definições podem ser pensadas em um primeiro momento como subjetivas, mas em um conceito geral, ambas partem de uma definição global, conceito esse que define o que se toma como belo ou grotesco. Na obra que escolhi para analisar a definição de belo e grotesco que se fazem presentes, inúmeros são os exemplos que podemos relacionar com os conceitos, exemplos dados pelo próprio narrador da história, que tem uma visão subjetiva do que seria belo ou grotesco. Ainda assim tal visão definida pelo narrador como pertencente ao belo ou grotesco perpassará pelas definições e conceitos globais do que é entendido no mundo como belo ou grotesco.

[...] Contudo, se a beleza for inteiramente subjetiva – isto é, se qualquer coisa que qualquer um tome por bela ou experimente como bela for bela (como afirma, por exemplo, James Kirwan) – parece, então, que essa palavra não possui nenhum sentido; ou que, ao chamar algo de belo, não estamos comunicando nada a não ser, talvez, uma atitude pessoal de aprovação. Além disso, embora pessoas diferentes possam, evidentemente, deferir em juízos particulares, também é óbvio que nossos juízos coincidem em grau notável: se qualquer pessoa negasse que uma rosa perfeita ou um dramático por do sol sejam belos, isso seria estranho ou perverso. E é, na verdade, possível discordar e argumentar sobre se algo é belo, ou tentar mostrar a alguém o que é belo, ou aprender com outra pessoa o porquê algo é belo. (SARTWELL, Crispin. 2021, p.20)

As atribuições do narrador serão essenciais para entender a obra e como tudo se encaixa na trama, sendo trazidos como exemplo para nosso entendimento, o que nos

ajudará a entender os conceitos e as definições existentes, mas antes de citar tais exemplos e trabalhá-los é preciso conhecer as definições em si. Esse capítulo tem, portanto, como objetivo trazer as definições de belo e grotesco. Para tanto, utilizou-se não só a literatura lexicográfica, mas também estudos literários sobre o assunto.

Nos dicionários gerais da língua portuguesa encontram-se as seguintes definições. No que tange o conceito de grotesco, o Dicionário Etimológico da língua portuguesa menciona que essa palavra é de origem italiana. Sua raiz está na forma *grottésca* (de *gróttta*) (MACHADO, José Pedro) e surge na história da arte aplicado a um estilo ornamental inspirado em decorações murais da Roma antiga, descobertas em ruínas escavadas no Renascimento. Tais monumentos soterrados são conhecidos como *grottes* (ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira 2022). O Dicionário Houaiss define essa palavra como sinônimo de *burlesco*. Já o Dicionário Aulete, igualmente o define assim. Eis a descrição

1. Que provoca riso pelo ridículo, pela extravagância, por ser inverossímil, estapafúrdio ou caricato (trajes grotescos)
2. Art.pl. Diz-se do estilo artístico inspirado em ornamentos descobertos nas ruínas de antigos monumentos romanos e que retratam animais, homens e seres fantásticos entrelaçados com ramagens, flores etc; BRUTESCO; GRUTESCO
3. Art.pl. Diz-se de criação artística ou estilo que se vale de ornamentos de graciosa fantasia
4. Art.pl. Cin. Fot. Liter. Teat. Diz-se de categoria estética que tem por tema o disforme, o ridículo, o extravagante e até o kitsch ou que privilegia esse tipo de imagem
5. Diz-se de caráter tipográfico de traço uniforme, com uma única espessura e sem serifa; BASTÃO; BASTONETE; ETRUSCO; LINEAL
6. Qualidade do que é grotesco: Em arquitetura, prefere o grotesco ao renascentista: O grotesco de sua atitude chocou a todos [Termo considerado estrangeirismo por puristas que sugerem, em seu lugar, o uso de grutesco.]

[F.: Do it. grottesco.]

Nas definições lexicográficas apresentadas pelo dicionário Aulete, as definições um e quatro são as que eu escolhi para relacionar e pensar o que é grotesco na obra. A definição de grotesco como algo que provoca riso pelo ridículo, pela extravagância, por ser inverossímil, estapafúrdio ou caricato, trajes grotescos, (*Aulete, Digital*) ou de categoria estética que tem por tema o disforme, o ridículo, o extravagante e até o kitsch ou que privilegia esse tipo de imagem (*Aulete, Digital*) são definições da palavra em si que definem a personagem principal da obra alvo desse trabalho. A personagem principal provoca riso por ser estapafúrdio e está inserido em uma categoria estética que o coloca em um tema, onde pode ser lido como um ser disforme. No capítulo três os termos lexicógrafos e as definições filosóficas serão trabalhadas dentro da obra.

Já a palavra belo é mencionada pelo Dicionário Etimológico da língua portuguesa como advinda do latim “*bellus*” que significa lindo, bonito e encantador. O termo, antes de sua definição latina, pode ter vindo também da do indo-europeu DW-EYE, aproximando-se de outros termos, como bônus, de “bom”, e bene, de “bem”. (VILAS BÔAS, Vinicius Professor de Moda SENAC SP). O dicionário Houaiss define essa palavra como sinônimo de benfeito, bonito, elegante e etc. Já o dicionário Aulete, igualmente o define assim. Eis a descrição

(be.lo)

1. Muito bonito, que tem proporções e traços que satisfazem a padrões estéticos de harmonia e beleza; LINDO: um belo homem [Antôn.: feio]
2. Muito bom; EXCELENTE: um belo exemplo
3. Que agrada por sua qualidade, seu desempenho: um belo pintor: Foi um belo jogo de futebol
4. Agradável à vista ou ao ouvido: um belo jardim: uma bela música
5. Ameno, aprazível: Que bela tarde!
6. Considerável pelo número, pela quantidade, dimensão ou intensidade: Recebeu uma bela herança
7. P.ext. Considerável pela severidade: Recebeu um belo castigo

8. Vantajoso, lucrativo: um belo emprego
 9. Indeterminado (tempo, dia, momento etc.): Um belo dia ela partiu
 10. Irôn. Lamentável, criticável, desagradável: Que bela confusão você me arrumou!
sm.
 11. Caráter, natureza do que tem beleza; qualidade que provoca admiração e prazer;
BELEZA: A arte é o cultivo do belo
 12. Aquilo que é belo, que tem beleza, que agrada: O belo nessa história é que no fim eles se reconciliaram
- [F.: Do lat. bellus, a, um.]

Nas definições lexicográficas da palavra *belo* apresentadas pelo dicionário Aulete, eu relaciono as definições um e onze a obra “Das Parfum”. Na obra encontramos belo como uma qualidade que provoca admiração e prazer no outro ou como algo que muito bonito, que tem proporções e traços que satisfazem a padrões estéticos de harmonia e beleza nas vítimas que a personagem principal faz. Suas vítimas são definidas como muito belas, o que aumenta o choque de suas mortes na sociedade onde a história está inserida. O estudo da obra relacionada as definições lexicográficas e filosóficas de belo serão abordadas com maior precisão no capítulo três.

3. O BELO E O GROTESCO NA OBRA *O PERFUME*, DE PATRIK SÜSKIND

A representação do corpo humano e do cenário onde esses corpos se encontram nas artes sempre foi uma porta de entrada para a compreensão da civilização antiga e moderna. A análise de obras ao longo da história da humanidade nos ajuda a identificar padrões pré-estabelecidos por diversas civilizações em diferentes épocas. Seja a análise de esculturas como “As Venus”¹ do período paleolítico ou no quadro “O nascimento de Vênus”².



¹ “A Vênus de Willendorf” ou “Mulher de Willendorf”. Disponível em: https://aminoapps.com/c/wiccaebruxaria/page/blog/venus-de-willendorf/d3Dm_W2Yfbumq5nvoKXMbzG5X4kWRjGWklg

² “O Nascimento de Vênus” de Sandro Botticelli. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/quadro-o-nascimento-de-venus-botticelli/>



Em ambas as obras artísticas aqui invocadas, o corpo é o principal elemento que chama a atenção do espectador, e na “*O perfume*” o corpo será um elemento importante a se analisar junto ao perfume. A importância da análise desses elementos se dá através do estudo dos conceitos de belo e grotesco na obra. No livro ambos caminham juntos, seja como enfoque do corpo da personagem, sua falta de cheiro, no fascínio por novos odores e por fim na consequência que esse fascínio traz.

3.1 Belo e Grotesco e o corpo

O corpo das personagens é um fator importante e decisivo na obra, onde os exemplos de belo e grotesco também se encontram. O personagem central da obra sempre teve suas características físicas, ou a falta delas, como análise central para o narrador e outros personagens. Nos seus primeiros dias de vida já é descrito por sua ama Jeanne Bussie, que se recusa a continuar sua amamentação, pois o define como uma figura não humana e demoníaca devido ao fato de não apresentar nenhum cheiro, ao contrário de outros bebês, que a ama já havia alimentado ao longo de sua vida. Tal característica vai de total desconforto com o que Jeanne descreve como bom em bebês normais, uma vez que já alimentou, limpou, embalou e beijou dezenas deles. Sua definição vai de encontro com uma das definições de belo pelo dicionário online Aulete sendo algo que agrada por sua qualidade, seu desempenho. A ama se esforça para achar

melhor definição para expressar o seu juízo de bom diante da falta de cheiro de Jean, mas consegue por fim definir seu juízo subjetivo da normalidade de um bebê.

– Ora... – começou a ama -, não é tão fácil dizer, porque... porque eles não tem o mesmo cheiro por toda a parte, ainda que por toda parte eles cheirem bem, padre, por favor, entenda, por isso, por exemplo, nos pés, aí eles cheiram como uma pedra quente e polida – não, é mais como panelas... como manteiga fresca, sim, exato: cheiram como manteiga fresca. E no corpo cheiram como... como uma bolacha ensopada no leite. E na cabeça, em cima, atrás, onde o cabelo faz tufo, aí, veja, padre, aí onde no senhor não tem mais nada... – e ela ficou Tateando a careca de Terrier, o qual havia ficado um momento sem fala diante dessa torrente de detalhadas besteiras e, obediente, baixara a cabeça... – aqui, exatamente aqui, é que eles cheiram melhor. Aí eles cheiram a caramelo, cheiram tão doce, tão maravilhoso, padre, o senhor nem imagina! Quando a gente cheira uma vez aí, então se a gente gosta deles, não importa se são nossos ou de outros. É assim que criancinhas têm que cheirar. E se não cheiram assim, se não cheiram a nadinha aí em cima, menos ainda do que o vento frio, como este, o bastardo, então... O senhor pode explicar isso como quiser, padre, mas eu – ela cruzou decidida os braços sob os seios e lançou um olhar tão enojado para a cesta a seus pés como se tivesse sapos – eu, Jeanne Bussie, não assumo mais isso! (SÜSKIND, 1985, p. 16)

Na descrição do protagonista pelo narrador da história, não encontramos o que se define como belo, que tem formas ou proporções harmônicas; bonitas ou que produz uma viva impressão de deleite e admiração (Houaiss da língua portuguesa, 2018 1º edição. p.275), ou se quer pelo padrão estético da época em que a obra se passa na Europa do século XVII. Tudo o que se refere ao seu corpo remete ao grotesco, que se presta ao riso ou à repulsa por seu aspecto inverossímil, bizarro, estapafúrdio ou caricato (Houaiss da língua portuguesa, 2018 1º edição p. 992). Do momento do seu nascimento ao seu ato final na obra, Jean causa repulsa em todos que o cercam, sua figura em si é bizarra. Ele se quer é comparado a uma figura humana e já em sua chegada ao mundo, antes mesmo de poder falar e cuidar de si próprio, é comparado ao carrapato, o mais nojento dos aracnídeos. Para Victor Hugo, o grotesco antigo é tímido, e procura sempre esconder-se. Sente-se que não está em seu terreno, porque não está na sua natureza. Dissimula-se o mais que pode (HUGO, Vitor. 2002 p.28), mas não é o sentimento expresso pelo narrador da história, que vê o grotesco já no recém-nascido Grenouille, que já causa repulsa desde o seu primeiro grito em sua vinda ao mundo. Em nada é tímido o grotesco que exala, sempre esteve ali, aparente e pronto para causar repulsa a quem lhe visse.

[...] Ou como um carrapato em cima de uma árvore, ao qual a vida não oferece outra coisa senão uma hibernação permanente. O pequeno e horrível carrapato, que dá uma forma esférica a seu corpo cinza-marrom para oferecer ao mundo externo a menor superfície possível; que torna a sua pele lisa e dura, para nada deixar, nada fluir de si, para não deixar transpirar o mínimo de si mesmo. O carrapato que, de propósito, se faz pequeno e invisível, para que ninguém o veja e pise em cima. O solitário carrapato que, recolhido em si, fica escondido na sua árvore, cego, surdo e mudo, e só fareja, a milhas de distância, o sangue dos animais que passam e que ele jamais há de alcançar com as suas próprias forças. O carrapato poderia deixar-se cair. Poderia deixar-se cair no mato, arrastar-se com as suas seis perninhas de alguns milímetros para lá e para cá [...] Esse carrapato era Grenouille. Vivia encapsulado em si mesmo, à espera de melhores tempos. Ao mundo não dava nada senão as suas fezes; nenhum sorriso, nenhum grito, nenhum brilho dos olhos, nem sequer um cheiro próprio. (SÜSKIND, 1985, p. 26)

Assim a obra já se coloca em uso do juízo estético, classificando que de fato seria belo ou grotesco. Aqui não é papel dessa monografia analisar profundamente se tais juízos são corretos ou incorretos; se pertencem a objetividade ou subjetividade, mas mostrar como o juízo do estético belo ou grotesco é importante na trajetória da personagem e de seu desenvolvimento. O próprio protagonista tem o seu juízo de estético, de gosto. Aprende por fim o que para ele é belo e grotesco, claramente dentro da sua subjetividade, que em nada entra em acordo com o juízo do locutor e demais personagens. Tais visões das personagens se encontram de imediato na primeira parte da obra, como se falou na introdução, que se divide em três. Na primeira parte temos um Jean que desde o seu nascimento é tratado como um ser bizarro, esquisito e que causa extrema repulsa a quem o vê. Sempre é retratado como um ser maligno, que não pertence ao reino de Deus e é comparado a um animal, como já exemplificado no trecho citado acima.

No livro “*O império do grotesco*”, de Muniz Sodré e Raquel Paiva, que faz um exame sobre como o grotesco é definido por alguns autores, a exemplo de Kant, e de como essa definição é trabalhada em diversas obras literárias, teatro, em exemplos cotidianos e também na produção audiovisual após o exame pela categoria estética os autores procuram dividir os conceitos de grotesco em categorias que chamam de gêneros e espécies. Entendendo-se gênero como modo ou a maneira que assim apresentarão o fenômeno. Entre as inúmeras espécies e gêneros que os autores trabalham, a “espécie” Teratológico – são as referências risíveis a monstruosidades, aberrações, deformações, bestialismos e etc. (SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. 2002

p.68). A espécie definida pelos autores ajuda a entender como o personagem principal da obra trabalhada nesta monografia é definido ao longo da obra, por quase todo personagem que passou por sua trajetória.

É no corpo que encontramos toda a noção de animalidade, que em grande parte se liga ao grotesco. A representação do corpo é uma importante expressão do grotesco e assim como se faz pensar na expressão de arte barroca, ela faz com que o interlocutor pense nas palavras *belo e feio*, ou mais propriamente dito neste trabalho, belo e grotesco e as invoque para dentro de seu entendimento, ao se deparar com as descrições personagens, sobretudo, as descrições dadas a Grenouille.

A importância do corpo nas expressões grotescas faz igualmente pensar no barroco, como bem o vê Deleuze, ao apreciar que “(...) a alma do Barroco tem com o corpo uma relação complexa: sempre inseparável do corpo, ela encontra neste uma animalidade que aturde, que a embaraça nos recônditos da matéria, mas também uma humanidade orgânica ou cerebral (o grau de desenvolvimento) que lhe permite elevar-se (...)” Elevar-se para onde? Para além das variações da matéria corporal, rumo a um progresso ou a razões que permitam afirmar como melhor o mundo criado pelo Deus cristão. (SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. 2002 p.25)

Nesse sentido a personagem eleva-se para além do corpo, em sua cabeça onde prova de todos os aromas que havia coletado ao longo de sua vida, saindo assim, por um momento, da própria condição grotesca que seu corpo se encontra. Este momento está na segunda parte da obra e é o momento que a personagem mais se aproxima de sua forma animalesca. Vive em uma gruta, alimentando-se de pequenos animais rastejantes e lambendo a cavidade rochosa e úmida da gruta para matar sua sede, depois de anos na mesma rotina e processo, Grenouille, o carrapato, ficara sensível como um caranguejo que tivesse abandonado a sua casca e andasse exposto e desnudo pelo mar (SÜSKIND, 1985 p.138). A gruta era a própria casca de Grenouille, que se sentia despido quando necessitava aventurar-se fora do que chamou de seu lar.

Na retratação da personagem na obra, não conseguimos encontrar a definição de belo e dificilmente, o que a personagem classifica como belo no outro. No geral, ele considera a raça humana e quase tudo ligada a ela como grotesca, desde seus corpos aos seus odores, mas isso muda mediante a interação com sua primeira vítima. Aqui Grenouille consegue imprimir uma visão de belo além do seu fascínio absoluto ao perfume, ele consegue ligá-lo também ao corpo.

[...] Por certo provinha igualmente de uma garota ruiva, não cabia nenhuma dúvida quanto a isso. [...] Possuía uma pele branca, deslumbrante, olhos esverdeados. Tinha sardas no rosto, no pescoço e nos seios... isto é – Grenouille conteve um instante a respiração, depois farejou com maior frenesi, tentando repelir a recordação olfatória da jovem da Rue des Marais – isto é, essa garota nem tinha seios no verdadeiro sentido da palavra! Mal tinha as informações iniciais dos seios. Infinitamente suaves e estritamente orolosos, pontilhados de sardas, começando talvez apenas há poucos dias, talvez a poucas horas... apenas, na verdade, desde este instante, a se expandirem. Tinha apenas a pequena coifa inicial dos seios. Em uma palavra: a jovem era ainda uma criança. Mas que criança. (SÜSKIND, 1986 p.179)

Pela primeira vez vemos que a personagem relaciona seu juízo de gosto ao corpo de outra personagem, o de sua futura vítima. A primeira vítima de Grenouille, apesar de mais velha, carregava as mesmas características físicas da criança citada. Aqui se forma através de sua percepção e captura do aroma, as características físicas dela, o que não aconteceu com a jovem da Rue des Marais, que o atrai única e exclusivamente pelo seu cheiro. Mas aqui temos algo que se torna um novo elemento para ele, que não faz um julgamento somente do perfume, mas também do corpo. Ele reconhece toda a beleza da criança e de como ela causaria frenesi em toda uma sociedade com sua beleza carnal.

[...] o belo é considerado como um momento essencial no desdobramento do espírito absoluto, na qual é expressa numa forma determinada de ideia e, portanto, a verdade. Ou seja, o belo seria a exposição sensível da idéia nas obras de arte, a partir das quais, pela primeira vez, seria resolvida a contradição entre sujeito e objeto, uma vez que a obra é “o primeiro elo intermediário entre o que é meramente exterior, sensível e passageiro e o puro pensar (FERREIRA, Guilherme Pires. 2011, p.82 e 83)

Ainda assim, a expressão absoluta de belo estará na composição do sublime aroma, a exposição de sua obra de arte ao mundo. O empenho da personagem na produção do perfume mais belo o coloca em uma análise do grotesco, mas também do belo, pois sua produção final causa encanto e frenesi em quem a sente, no entanto também há despertar de um sentimento de posse de quem o experimenta que não pertence ao belo. Então podemos afirmar que há uma dualidade em sua produção, o belo da produção com o terror de seu sentimento de posse e destruição. Ainda assim, todas as vítimas que Jean faz, são belíssimas. A primeira vítima que compõe sua coleção de aromas, causa tamanho espanto e perturbação no camponês que a encontra, que ao comunicar as autoridades com, quase se torna suspeito do crime. Com voz trêmula relata, que jamais vira coisa tão linda, quando na verdade queria dizer que nunca vira coisa tão horrível (SÜSKIND, 1986, p.202). Dúbio sentimento se dá pela cena grotesca e a beleza que a vítima transmite, mesmo na morte.

O sublime sobre o sublime dificilmente produz um contraste, e tem-se necessidade de descansar de tudo, até do belo. Parece, ao contrário, que o grotesco é um tempo de parada, um termo de comparação, um ponto de partida, de onde elevamos para o belo com uma percepção mais fresca e mais excitada. A salamandra faz sobressair a ondina; o gnomo embeleza o silfo (HUGO, Vitor. 2002,p. 31)

3.2 Belo e Grotesco e o perfume

O outro grande e importante aspecto da obra está no perfume, que também está diretamente ligado ao corpo. Para análise e entendimento da obra, não é possível desassociar o corpo do perfume e vice-versa, tanto que para atingir o aroma belo e supremo, a personagem precisa extrair a essência do corpo de suas vítimas para compor o perfume. Claramente um aroma não faz parte somente de um corpo, mas tudo o que nos certa tem um cheiro, ou quase tudo, pois a personagem principal dessa história não tem nenhum aroma, e isso também é importante para entender a busca dele pela essência sublime, a mais bela das artes da perfumaria já produzidas por qualquer outro artesão na França ou no mundo.

No início das suas experiências olfativas, Grenouille não fazia julgamento de bom ou ruim perante aos odores que captava, mas somente tinha o interesse de formar uma grande biblioteca olfativa em sua cabeça. Sendo assim, ele tem a sua mente aberta para todos os tipos de cheiros que ele possa “coletar” e armazenar em sua mente. Sem a intenção de posse ou destruição daquilo que admira. Antes de seu primeiro assassinato, as atitudes da personagem podem se colocar no juízo de belo de Kant, pois sua intenção é somente “armazenar” em sua mente os aromas que conhece ao longo do início do da primeira parte do livro, o início da sua infância. Claramente aqui, o personagem não faz juízos sobre o que experimenta, mas ainda assim podemos concordar, que o sentimento de posse e destruição daquilo que ele admira, ainda não acontece.

[...] um juízo de que algo é belo, argumenta Kant, é um juízo **desinteressado**. Ele não responde às minhas idiossincrasias; ou, de todo modo, se estou ciente de que o faz, não suporei mais que estou experimentando o belo *per se* da coisa em si em questão. De certo modo, como em Hume – cuja abordagem Kant evidentemente tinha em mente – temos de permanecer sem preconceitos para alcançar um juízo de gosto. E

Kant dá a essa ideia uma interpretação bastante elaborada: o juízo deve ser feito de modo independente da faixa normal dos desejos humanos – como desejos econômicos e sexuais, que são exemplos de nossos “interesses” nesse sentido. Se alguém anda por um museu admirando as pinturas porque elas seriam extremamente caras se fossem a leilão, por exemplo, ou pensando se seria possível roubá-las e vendê-las ilegalmente, ele não está tendo de modo algum experiência da beleza das pinturas. Temos que nos concentrar na forma da representação mental do objeto por si mesma, tal como ela é em si mesma. Kant sumariza isso com o pensamento de que, na medida em que alguém está tendo uma experiência da beleza de alguma coisa, ele será indiferente à sua existência, tendo antes prazer na mera representação da coisa em sua experiência. (SARTWELL, Crispin. 2021, p.25)

Tal visão muda ao cometer seu primeiro assassinato. Com sua primeira morte, Grenouille começa a formar em si um *juízo de gosto*, que mais adiante entenderemos que tal juízo não é entendido apenas por ele, mas por todas personagens. Todos formam tal juízo ao classificá-lo como um ser bestial, e aqui não faço um julgamento se tal termo realmente bem descreve a personagem, mas sim de constatar que antes de tal evento, o personagem não fazia distinção entre bom ou mau, pois não agia seletivamente. Não diferenciava, ainda não diferenciava entre aquilo que era designado como um bom ou mau odor (SÜSKIND, 1986, p. 41), ou seja, não fazia o *juízo de gosto*. Nesse primordial momento, nossa principal análise é que aqui forma-se esse juízo e ele começa a distinção entre bons ou maus odores.

[...] Uma jovem estava sentada junto a essa mesa e limpava nectarinas. Pegava as frutas de uma cesta à sua esquerda, tirava-lhes o cabinho e o caroço com uma faca e deixava-as cair num balde. Devia ter uns treze ou catorze anos. Logo ele saberia qual era a fonte do aroma que havia cheirado a quase dois quilômetros de distância, da outra margem do rio: não esse pátio sujo, não as nectarinas. A fonte era a garota. Ficou tão perturbado por um momento que, de fato, pensou que jamais em sua vida vira algo tão bonito quanto essa moça. Ele só via, no entanto, de trás da sua silhueta contra a vela. Queria, dizer, naturalmente, que jamais havia cheirado algo tão belo. (SÜSKIND, 1986, p. 45-46)

No trecho abordado, o corpo é um elemento que está presente e é percebido pela personagem. Kant observa também que os cabelos e a cor dos olhos ajudam para classificar as situações que provocam uma e outra emoção, mas não se limita ao descritivo, quando recomenda o que cai bem a cada tipo de pessoa (BORGES, Bento Itamar. 2002) e esse elemento não foge aos olhos da personagem, como é descrito no subcapítulo anterior, mas é preciso dizer que vem como uma resposta ao perfume, que é o primeiro interesse e objetivo final de todos seus atos. Aqui não podemos nos limitar

ao corpo e colocar como principal mote da personagem, o encanto pelos aromas e sua obstinação em produzir o sublime perfume.

Após ceifar a vida de sua primeira vítima, na tentativa de captar o cheiro dela, o protagonista decide aprender a arte dos perfumes afim de capturar para si sua essência humana. Em seus primeiros anos aprende o princípio básico da arte, mas ainda não aprende a reproduzir com maestria, o cheiro das coisas. A técnica que aprende, ainda não seria a adequada para extrair o que o personagem chama de *essence absolue*, a essência absoluta de qualquer ser ou objeto. Ele parte de Paris a fim de cumprir seu objetivo, mas acaba por enfiar-se em uma gruta para fugir da humanidade. Para ele a interação com outras pessoas lhe causava repulsa, assim como ele causava repulsa aos outros. Após sete anos vivendo como um carrapato, encapsulado em si mesmo, em seus devaneios, volta ao seu objetivo a saborear em sua imaginária biblioteca de perfumes, o primeiro odor que lhe trouxe para o juízo de estético. Na tentativa de se tornar mais “humano” e apesar de seu nojo e desprezo a quase todos os seres humanos, Grenouille produz um perfume, do qual acredita ser um aroma inerente as pessoas, com ingredientes repulsivos, como por exemplo, dejetos de um gato e pedaço de queijo mofado.

Para imitar esse odor humano – bastante insuficiente, como ele mesmo sabia, mas suficiente para enganar os outros -, Grenouille tratou de reunir ingredientes dos mais bizarros no laboratório de Runel. Havia ali um montinho de merda de gato atrás do umbral da porta que levava ao pátio, ainda bastante fresco. Pegou meia colheria disso, juntando-a a algumas gotas de vinagre e sal moído no garrafão de misturar. Debaixo da mesa da oficina encontrou um pedacinho de queijo do tamanho de uma unha, provavelmente resto de uma refeição de Runel. Estava bastante velho, começava a se decompor e emanava um forte odor. Da tampa do tonel de sardinhas, nos fundos de trás da loja, raspou algo como ranço de peixe, misturou-o com ovo podre [...] (SÜSKIND, 1986, p. 157)

Ainda sobre esses ingredientes, a personagem utiliza outros bizarros elementos, que ao final do processo, faz com que o produto dessa combinação feda mais a cadáver do que a gente, não havendo nada mais nojento do que cheirar a base que foi criada. Ao juntar a base a outros odores florais, ele chega a produção do odor humano e o usa para sair as ruas. Grenouille se surpreende com a receptividade das outras pessoas que passavam por ele na rua, de antes ignorado, agora recebe olhares de outros pedestres. Da cólera e repulsa das crianças, que acabava por causar o choro, alegria e sorrisos. Aqui cabe a observação que Wolfgang Kayser faz a análise de Vitor Hugo, que vê o

grotesco como uma totalidade do maior, tornando-o polo de uma tensão, em que o sublime é constituído em polo oposto (KAYSER, Wolfgang. 2009, p.60). Essa tensão é vista na presença de dois opostos, a produção de um odor grotesco mediante a uma recepção calorosa de quem o sente. A união entre o grotesco e o belo está presente nesse momento.

Grenouille por fim consegue produzir a sua *essence absolue* produzido através do corpo de suas vítimas atingindo o ápice do belo, que para ele é sua própria produção. Descreve o perfume como um poder mais forte que o poder do dinheiro, do terror ou da morte: o poder insuperável de fazer as pessoas amarem. Ele sabe que as pessoas não amam ele, em si, mas o aroma que produziu. Aqui podemos dizer que pela primeira vez, com a ajuda de seu perfume desperta um interesse avassalador no outro, ele se torna o consenso de belo, a própria beleza. Sua produção, ou seja, seu perfume, se encaixa no juízo de belo de Kant, que diz que o belo é aquilo que encanta o sujeito, que leva a admira aquilo que é sensível. O poder do perfume levá-lo-ia a conquistar o mundo, sua nação e autoridades. Mas é também no próprio aroma que desperta o desejo daqueles que estão á sua volta, que leva a personagem ao seu fim. O perfume e ele em si, seu corpo, sua carne, desaparecem através daqueles que o desejam, em uma cena grotesca e bizarra.

Em pouco tempo o anjo estava esquartejado em trinta partes e cada integrante da corja catou um pedaço e retirou-se, arrastando por um excitado desejo, para devorá-lo. Meia hora mais tarde, Jean-Baptiste Grenouille havia, em cada fibra, desaparecido da face da terá. [...] E se admiravam como isso lhes fora fácil e, apesar de toda a perplexidade, não sentiam o menor assomo de arrependimento. Ao contrário! Embora o estômago lhes pesasse um pouco, seus corações estavam leves. (SÜSKIND, 1986, p.263)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo da obra sobre um olhar estético de juízo, foi possível analisar “*Das Parfum*” para além da sua história, com conceitos filosóficos e literários. Vitor Hugo, em “*Do grotesco ao sublime*” faz uma análise do conceito do grotesco conforme sua teoria das três idades, trazendo também o belo para o seu estudo, pois o próprio grotesco seria a sua oposição, o que está do outro lado do belo. O prefácio de Victor Hugo, que é também um ensaio sobre a história das idéias estéticas e um manifesto em defesa de um alargamento no gosto, prepara o terreno para sua peça sobre Cromwell (BORGES, Bento Itamar, 2002). Esse trabalho de conclusão não teve como intenção ser um ensaio sobre uma obra, como propõe Vitor Hugo, mas sim fazer uma análise de “*Das Parfum*” ao analisá-lo através de conceitos definidos por este autor e outros selecionados para este trabalho e também elementos escolhidos por mim. Portanto, procurei fazer o mesmo com a análise dos conceitos de belo e grotesco dentro da obra e abri-la para um contraponto entre passagens da história e definições de alguns autores, afim de entender como tais conceitos se encaixam na obra e são representados através do corpo das personagens e o perfume.

Uma das definições de belo que o dicionário Houaiss nos dá é que belo, o seu sentido estético como qualidade atribuída a objetos e realidades naturais ou culturais, apreendida primordialmente através da sensibilidade (e não do intelecto), e que desperta no homem que a contempla uma satisfação, emoção ou prazer específicos, de natureza estética (HOUAISS, Antônio. 2009). Tal definição existe para personagem, quando pensamos no seu fascínio e obsessão pela produção do perfume sublime e absoluto e também quando faz suas primeiras vítimas. Em si, o que é belo para a personagem, é o perfume que habitava sua vítima, também seu corpo que compõe seu cheiro, mas mais especificadamente, o seu cheiro. O conceito de juízo de gosto também está ligado na análise da definição lexicográfica, no que diz respeito à análise feita das ações da personagem e seu comportamento, para atingir a produção do aroma ideal.

A fim de ligar tais conceitos a obra, o estudo de análise foi concentrado no capítulo três deste trabalho de conclusão dividindo-o em dois subcapítulos: Belo e o Grotesco e o corpo; Belo e o Grotesco e o perfume. Uma divisão que se fez importante para entender quais elementos as análises teóricas se ligaram e como elas serviram a conclusão do estudo. Com a ligação de conceitos e trechos da obra foi possível chegar ao objetivo da análise do livro, que era a busca de elementos de belo e grotesco na construção do corpo das personagens e seus odores. O corpo e o perfume completam um conjunto que não se separa, quando falamos dos termos estudados. Com a conclusão do capítulo três foi possível concluir que onde o corpo está, o perfume também está e junto a elas, a noção de belo e grotesco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SÜSKIND, Patrick. *O perfume: História de um assassino*. Editora Record, 1986.

BELO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo402/belo>. Acesso em: 28 de setembro de 2022. Verbete da Enciclopédia.

GROTESCO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo4981/grotesco>

BÔAS, Eduardo Vilas. *O que é Belo? Conheça seu conceito para a arte e o mundo da moda*. Disponível em: <https://audaces.com/o-que-e-belo-definicao-e-conceitos-na-arte-e-na-moda/#:~:text=No%20caso%20da%20etimologia%2C%20a,da%20beleza%20e%20da%20guerra>.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. 1º Objetiva, 2009.

Aulete Digital – *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, vs online*.

KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime “Prefácio de Cromwell”*. São. Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

KAYSA, Wolfgang. *O grotesco*. São Paulo: Ed. Perspectiva 2009

BORGES, Bento Itamar. *O (mau) gosto e o grotesco*. Mars Gradivus Revista do laboratório de Psicanálise e Aprendizagem. Instituto de Psicologia UFRGS. a. 1 , n.1, 2002

SARTWELL, Crispin. (organizadores: REIS, Mauricio de Assis e NACHMANOWICZ, Ricardo M.). *(I) Beleza -Série Investigativa Filosófica: Textos selecionados de estética*. Editora UFPEL, Pelotas 2021

FERREIRA, Guilherme Pires. *O conceito de belo em geral na estética de Hegel: conceito, ideia e verdade*. Revista Metanoia, São João Del-Rei MG, n. 13, 2011.